



## VII Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa

# Um espaço de cooperação entre países lusófonos

Durante os dias 1 e 2 de Setembro, o VII Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa reuniu dezenas de representantes das comunidades médicas lusófonas para reforçar laços de cooperação e formação entre esses países. Durante dois dias foram debatidos os seguintes temas: diagnósticos nacionais de saúde, saúde mental e violência, mobilidade e educação médica especializada, capacitação e desenvolvimento no espaço lusófono, saúde e economia e língua e pátria. O encontro decorreu no Centro de Cultura e de Congressos da Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos de Portugal, no Porto.

O bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal, José Manuel Silva, presidiu a mesa da cerimónia de abertura do Congresso da CMLP. José Manuel Silva declarou a sua “alegria e satisfação” por ver ilustres nomes da saúde internacional “reunidos nesta jornada”. No início do encontro, afirmou ainda que “seria um sonho que a CMLP pudesse ser o embrião de uma maior comunidade sem fronteiras, com livre circulação de pessoas e bens”.

Francisco Pavão, em representação do secretário geral da CMLP, leu a nota introdutória do evento. José Manuel Pavão, face à impos-

sibilidade de estar presente, deixou escrito o seu agradecimento: “aqui fica um programa à vossa inteira consideração. Para o efeito, desde o início procurámos saber sugestões e vontades junto de cada Ordem aqui representada”, lia-se nesse agradecimento.

Em nome da Câmara do Porto, Manuel Pizarro, acolheu os presentes com um discurso de boas-vindas e com o convite de, mesmo que por pouco tempo, procurassem conhecer “o único espaço do mundo onde se combinam dois espaços que são património da humanidade”, a cidade do Porto. Na voz da Presidência

da República, Mário Pinto, consultor para os Assuntos da Política de Saúde, olha para a CMLP como uma comunidade “inovadora e criadora de oportunidades científicas”, felicitando a organização por este tipo de congresso bem como os seus participantes. O presidente da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Vítor Ramalho, asseverou que este encontro é, sem dúvida, “uma oportunidade histórica”.

Desde 2005 que, com a assinatura de um protocolo entre a Ordem dos Médicos de Portugal e vários países da CMLP, os médicos licenciados em Angola, Guiné-



Capacitação e desenvolvimento no espaço lusófono

-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, podem adquirir autorizações para a realização de estágios profissionais no nosso país.

Num encontro dedicado à lusofonia, à partilha da língua e à proximidade cultural tendo como pano de fundo a medicina e a partilha de conhecimentos, a mesa “diagnósticos nacionais de saúde” contou com as intervenções de Francisco George, Diretor Geral da Saúde, Fernando Almeida, presidente do Instituto Nacional de Saúde, José Manuel Prazeres da Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe, Agostinho NDumba, bastonário da Ordem dos Médicos da Guiné Bissau, Carlos Corrêa Lima, do Conselho Federal de Medicina do Brasil e Milton Ussene Tatia da Associação Médica Moçambicana, que apresentaram em linhas gerais o retrato sanitário dos vários países, referindo as condicionantes como sejam o clima, a distribuição da população e seu envelhecimento, taxas de mortalidade infantil, recursos humanos insuficientes na área da saúde e as condicionantes económicas. A falta de algumas especialidades, o crescimento da população idosa e os constrangimentos do orçamento para a saúde são dificuldades comuns a vá-

rios países. O resumo desta mesa pode ser sintetizado nas palavras do representante do Conselho Federal de Medicina referindo-se ao Brasil, mas que é, de certa forma, aplicável a outros países lusófonos: “não existe solução fácil e simplista para a saúde pública. É um problema crónico e complexo que exige do poder executivo prioridades, planeamento, uma política de Estado e não de governo, luta contra a corrupção com efetivo e rigoroso sistema de controlo e avaliação. Como o Dr. Vítor (Ramalho) já citou e a ele me junto: precisamos estar unidos. (...) Os países lusófonos têm que estar unidos pela saúde, pela educação e pela segurança”.

### Saúde Mental e violência

“Saúde Mental e violência” foi o segundo tema abordado neste congresso, e contou com a participação de Armando Leandro, presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, Ricardo Baptista Leite, deputado e coordenador da Unidade de Saúde Pública do Instituto Ciências da Saúde da UCP, Jorge Sales Marques, da Associação de Médicos de Língua Portuguesa de Macau, António Pacheco Palha, professor

jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e Isabel Cardoso, diretora geral do Centro de Segurança e Saúde no Trabalho de Angola. “Por regra, a saúde mental é um parente pobre dos sistemas de saúde”, enquadrou Ricardo Baptista Leite, que moderou a mesa, salientando que muita da violência registada não se prende com a prevalência da doença mental mas antes o consumo e abuso de substâncias, particularmente o álcool e as drogas, referência com os restantes oradores concordaram, exemplificando com alguns casos. Referiu ainda estatísticas que comprovam que as pessoas que sofrem de doença mental são mais frequentemente vítimas do que agressores mas alertou que existe uma perceção errada por parte do público que não tem consciência desse facto. “Há uma falsa crença de que a doença mental conduz à violência”, imagem potenciada pelos meios de comunicação. Nesta mesa defendeu-se, com naturalidade, o combate ao estigma e à discriminação das pessoas com doenças do foro mental. Jorge Sales Marques apresentou a perspetiva pediátrica – vinda de Macau – falando do comportamento escolar, do problema do impacto das famílias carenciadas e de casos escondidos de maus tratos, da problemática do comportamento aditivo ligado ao jogo, entre outras questões. António Pacheco Palha fez uma reflexão em que referiu precisamente o problema do estigma que ainda persiste na nossa sociedade, sublinhando a relevância da autonomia. Referindo-se aos efeitos nefastos da crise na saúde mental da população deu alguns exemplos: “desemprego, baixa de auto estima, falta de condições de habitação, densidade populacional, etc.” –

explicando a importância dos desequilíbrios sociais na saúde mental. Um problema complexo que a psiquiatria enfrenta e que foi referido por este orador foi o pedido de “avaliação do risco” num doente mental e as dificuldades acrescidas com a falta de adesão terapêutica do doente mental. Isabel Cardoso falou da área específica do desinvestimento na saúde do trabalhador, que está a acontecer em Angola - com empresas a não investir nem na higiene nem na segurança do trabalhador e nas consequências futuras para a saúde mental dos trabalhadores e as incontornáveis consequências para a baixa produtividade e o aumento dos problemas sociais, violência conjugal e/ou contra idosos e dos suicídios.

### Mobilidade e formação: capacitação do espaço lusófono

Daniel Silves Ferreira, Maria Amélia Ferreira, Carlos Cortes, Edson Oliveira, António Guterres e Carlos Pinto de Sousa, fizeram apresentações no âmbito de uma palestra sobre “Mobilidade e Educação Médica Especializada”. A palestra iniciou com as palavras do bastonário da OM de Angola, Carlos Pinto de Sousa, que deixou clara a esperança de este debate representar mais um “passo em frente” para a formação de médicos em todos os países da CMLP. Daniel Silves Ferreira moderou o debate, no entanto, não quis deixar de lado a oportunidade de reforçar as palavras do convidado anterior: “este é um painel que vai debater questões extremamente importantes nos dias de hoje para a comunidade, como é o caso da questão da mobilidade”. A presidente da Faculdade de



António Guterres  
jovem médico timorense



Carlos Pinto de Sousa, bastonário da Ordem dos Médicos de Angola



Carlos Cortes, coordenador do Conselho Nacional da Pós-Graduação da Ordem dos Médicos



Daniel Silves Ferreira, bastonário da Ordem dos Médicos de Cabo Verde



Edson Oliveira, Conselho Nacional do Médico Interno



Francisco Pavão em representação da organização deste Congresso

Medicina da Universidade do Porto, Maria Amélia Ferreira, partilhou a sua crença que a CMLP reúne condições para facilitar os processos de educação. As faculdades de medicina do Porto estão a trabalhar em projetos de educa-

ção “à distância” através da plataforma *e-learning*, com o objetivo de melhorar a saúde de toda a população, sublinha. Antes de terminar a sua apresentação, Maria Amélia Ferreira, sustentou que o mais importante é “garantir, em





Mesa presidida por Miguel Guimarães, em que estiveram presentes Sérgio Guimarães, António Zacarias, Maria Hermínia Cabral, Paulo Freitas e Rui Capucho

cada país, a auto-suficiência da formação de quadros, criar mecanismos de reforço dos sistemas de saúde, promover a educação médica, promover a criação de redes e equipas de trabalho e usar inovação na formação”.

Após recorrer ao regulamento do Internato Médico, Carlos Cortes, garantiu que “cabe à Ordem dos Médicos tratar da idoneidade dos serviços”, referindo-se aos programas de especialidade em Portugal. Por outro lado, e enquanto coordenador do Conselho de Pós-Graduação da OM, considera os estímulos à mobilidade na formação “fundamentais”: “os estudantes portugueses podem - e devem - mobilizar-se pelas várias zonas de Portugal e, também, dos outros países”, sublinhou, referindo-se aos países da CMLP.

Ainda em relação aos estudantes de medicina, o presidente do Conselho Nacional do Médico Interno, Edson Oliveira, reconhece a importância das experiências “lá fora”. Nos restantes países da CMLP existem problemas que não se verificam no nosso país e que só poderão ser estudados pelos jovens médicos através do contacto direto com os mesmos: “esta cooperação é promotora de novos horizontes”, indica.

Enquanto jovem médico timo-

rense, António Guterres foi um dos estudantes que aproveitou as oportunidades da CMLP para estudar medicina em Portugal, na Universidade de Coimbra. Concluída esta experiência, o médico deixa uma mensagem a todos os colegas presentes: “o português é o caminho da afirmação”.

Na última mesa redonda do primeiro dia de trabalhos, presidida por Miguel Guimarães, estiveram presentes Sérgio Guimarães, António Zacarias, Maria Hermínia Cabral, Paulo Freitas e Rui Capucho. Este debate serviu de mote ao tema “Capacitação e Desenvolvimento no Espaço Lusófono”. Miguel Guimarães considera que este foi “um momento único para fortalecer a cooperação, centrada na partilha de conhecimento e experiências e no reforço dos vínculos no apoio à formação médica nos países da comunidade”.

Neste importante encontro, o presidente da SRNOM não quis deixar de reforçar “a importância de dar atenção às necessidades das pessoas”, afirmando que “a Ordem tem que dar uma colaboração mais estreita, tendo como base o novo Estatuto da OM e a Declaração do Porto que foi assinada, recentemente, em Novembro”.

Enquanto moderador do debate,

Sérgio Guimarães, fez uma pequena intervenção “de enquadramento ao tema” e deixou algumas notas “sobre aqueles que são os principais eixos (...) em termos de reforço de capacidades para o desenvolvimento médico” nas comunidades lusófonas.

António Zacarias, bastonário da OM de Moçambique, afirmou que a Ordem dos Médicos do seu país está empenhada em promover estágios em Portugal e no Brasil, particularmente a todos os estudantes que procurem “formação médica especializada”. Através da experiência com programas de mobilidade da Fundação Calouste Gulbenkian, Maria Hermínia Cabral, sublinhou que “a capacitação não pode ser entendida como um fim em si mesmo” com o intuito de explicar que é importante refletir sobre a importância da mesma em todos os países de língua portuguesa.

Ainda no contexto da capacitação e do desenvolvimento, Paulo Freitas levou ao Salão Nobre uma exposição dos avanços tecnológicos levados aos países menos desenvolvidos da comunidade pela Fundação Marques de Vale Flor. A ONG apoia, há cerca de 30 anos, a investigação científica, particularmente nos



Maria Amélia Ferreira, diretora da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

## “Defender a qualidade da saúde no espaço lusófono”

No último dia do congresso foram debatidos temas sobre a ligação entre saúde e economia (uma abordagem a esta mesa pode ser lida nas páginas da SRSul nesta edição da ROM), literacia e saúde e, por último, a pátria que é a língua (relativamente a esta última mesa reproduzimos integralmente no final deste artigo as intervenções dos oradores). O encontro “excedeu todas as expectativas”, segundo José Manuel Silva, pelas presenças importantes e, sobretudo, pela possibilidade de aprender e observar as perspetivas médicas de toda a comunidade. No final dos trabalhos, o bastonário da OM concluiu que o principal objetivo foi “defender a qualidade da saúde no mundo lusófono em benefício dos nossos doentes”. Adiantou ainda que a OM irá promover a criação de um fórum para a discussão de todos os problemas e, essencialmente, para fortalecer o diálogo com vista na criação de sinergias.

Germano de Sousa recordou, com emoção, a criação desta comunidade e sublinhou como estes encontros são importantes porque, acima de tudo, juntam médicos que se preocupam com o bem-estar mundial e que “acreditam

nos seus códigos de ética”.

O ministro da saúde angolano, Luís Sambo, reconheceu que foi possível estreitar “ideias comuns” para o interesse da população lusófona e deixou a proposta deste congresso “tirar maior proveito da capacidade de investigação e melhorar os indicadores de saúde”.

O Secretário de Estado da Saúde, Manuel Delgado, indicou que “são os atributos científicos, técnicos e humanos que ligam a comunidade”. Apesar das dificuldades que aponta a todos os países, mostra a sua admiração “pela constante tentativa da comunidade para a melhoria dos serviços de saúde em todos estes países”. Encarregue de representar a organização deste encontro e de dar as últimas palavras do evento à plateia, Francisco Pavão, mostrou-se confiante em relação ao futuro da medicina em toda a comunidade. O congresso que juntou médicos, professores universitários e vários dirigentes da área da saúde, encerrou com o convite para a VIII edição que se realizará em 2017, desta vez no Brasil.

### Nota da redação:

a ROM agradece a colaboração de Maria Martins e Nelson Soares da revista NorteMédico que enviaram alguns dos materiais utilizados nesta reportagem.

